



ROMANTISMO

No início do século XIX, a sociedade brasileira testemunha diversas mudanças, que têm como origem a transferência da corte portuguesa para o Brasil, em 1808. A esquadra portuguesa transportou toda a comitiva palaciana e familiares (cerca de 10 mil pessoas), bem como seus pertences, documentos e móveis, e, ainda, a Real Biblioteca de Portugal, com seus mais de 60 mil livros (...). (Oliveira; Pinheiro; Rocha, 2022, p. 28)



ROMANTISMO

Contexto histórico no Brasil



Independência do Brasil - 1822

Em 1821 – mais de uma década, portanto, após essa viagem –, o rei português D. João VI retorna a Portugal. Ele deixa no país, contudo, seu filho **D. Pedro I, que declara a independência do país em 1822 e se torna, assim, o primeiro Imperador do Brasil. Nessa época, a vida cultural na cidade-sede da corte imperial (Rio de Janeiro) fervilha com as manifestações artísticas influenciadas fortemente pelo espírito romântico, que é embalado nos ideais do individualismo liberal burguês e da idealização sobre o passado heroico (no caso brasileiro, voltado para a figura dos indígenas). (Oliveira; Pinheiro; Rocha, 2022, p. 28)**

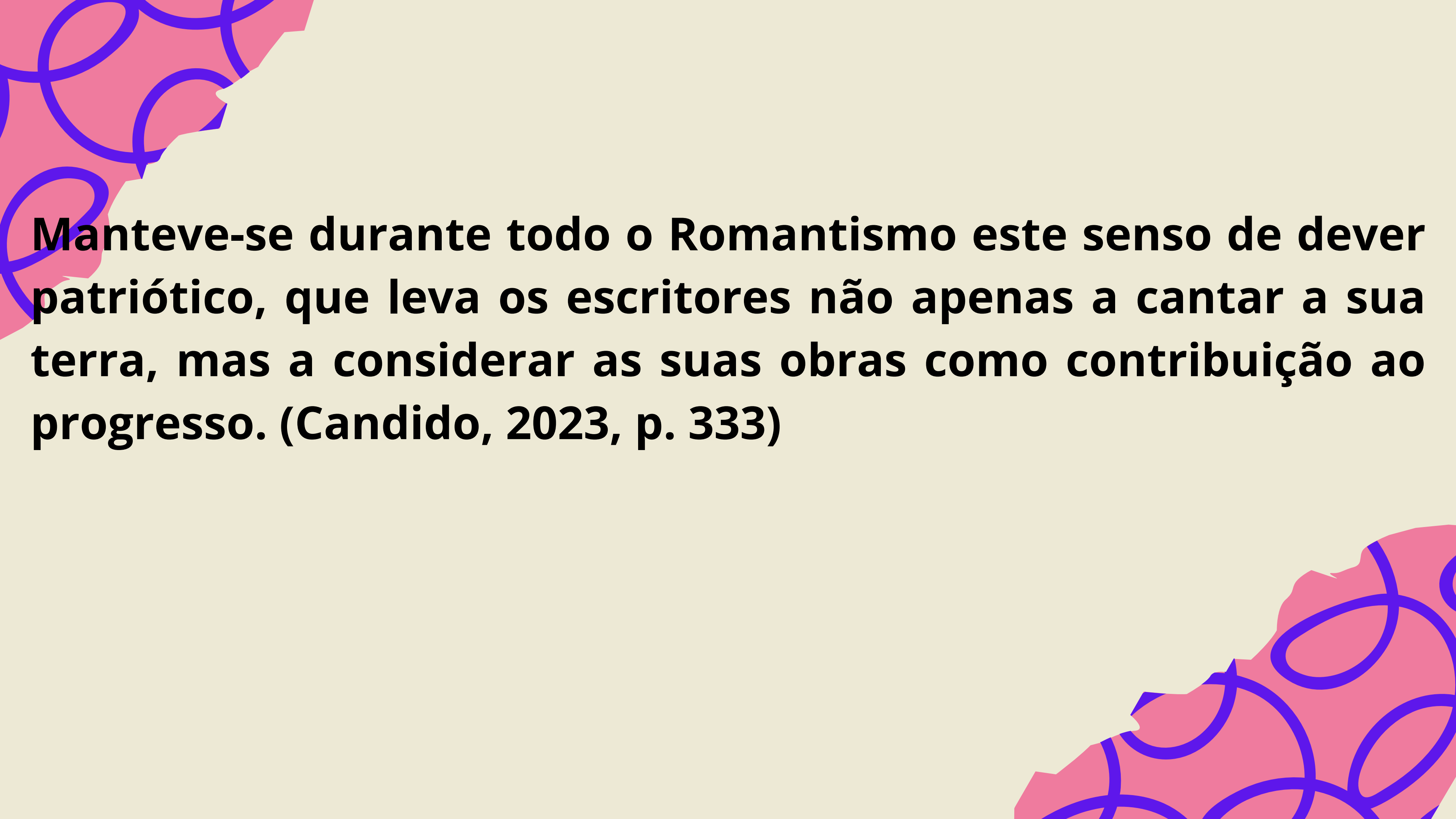


Figura 2.1: Esquema conceitual da estética romântica.

(Fonte: Oliveira; Pinheiro; Rocha, 2022, p. 30)



Assim como a ilustração favoreceu a aplicação social da poesia, voltando-a para uma visão construtiva do país, a Independência desenvolveu nela, no romance e no teatro, o intuito patriótico, (...) na mesma disposição profunda de dotar o Brasil de uma literatura equivalente às europeias, que exprimisse de maneira adequada a sua realidade própria ou como então se dizia, uma “literatura nacional”. (Candido, 2023, p. 331)



Manteve-se durante todo o Romantismo este senso de dever patriótico, que leva os escritores não apenas a cantar a sua terra, mas a considerar as suas obras como contribuição ao progresso. (Candido, 2023, p. 333)

Romantismo



Poesia



1a geração



2a geração



3a geração

Romantismo

 **Poesia**

1ª geração:

O que o Brasil tem de melhor



- Ufanismo

**ORGULHO
EXACERBADO
PELO PAÍS EM
QUE NASCEU;
PATRIOTISMO
EXCESSIVO.**

Romantismo



Síntese



Figura 2.2: Elementos principais da 1ª geração romântica.

BRASIL

Canção do Exílio

Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais
flores,
Nossos bosques têm mais
vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu
morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as
palmeiras,
Onde canta o Sabiá.



A pintura romântica apresenta traços dramáticos em seus temas, o sentimento é marca forte da expressão pictórica deste período, sendo que a pintura histórica é exaustivamente explorada pelos artistas românticos. Delacroix e Goya são os destaques da pintura neste período, e utilização da cor, como elemento significativo para a representação de suas criações. Os artistas românticos faziam referência à natureza, fonte de inspiração e admiração. As pinturas românticas exigem reação do expectador, seja pelo tema histórico, pela cor contagiante que envolve dramas humanos ou mesmo pela beleza da natureza aprisionada em suas telas (Soares, Rosana. História da arte. Indaial : Uniasselvi, 2012, p. 136).



Sinal de combate do Índios Coroados (Jean Baptiste Debret)

**Fonte: Memórias do caminho. Disponível em:
<https://memoriasdocaminho.blogspot.com/2008/05/sinal-de-combate-do-ndios-coroados-jean.html>. Acesso em 26 jul 2024.**



O último Tamoio. Rodolfo Amoedo

Fonte: Wikipedia. Disponível em: <https://memoriasdocaminho.blogspot.com/2008/05/sinal-de-combate-dos-ndios-coroados-jean.html>. Acesso em 26 jul 2024.



**VICTOR
MEIRELLES,
MOEMA,
1866. MASP**

(Soares, Rosana. História da arte. Indaial : Uniasselvi, 2012, p. 143)

PEDRO AMÉRICO: INDEPENDÊNCIA OU MORTE, 1888



(Soares, Rosana. História da arte. Indaial : Uniasselvi, 2012, p. 142)



**VICTOR MEIRELLES:
A PRIMEIRA MISSA
NO BRASIL, 1861.
MUSEU NACIONAL
DE BELAS ARTES**

**(Soares, Rosana. História da arte. Indaial : Uniasselvi, 2012,
p. 142)**

CANÇÃO DO TAMOIO

Gonçalves Dias

I

**Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos
Só pode exaltar**

II

**Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma presa,
Quer seja tapuia,
Condor ou tapir.**

III

**O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves conselhos,
Curvadas as fronte,
Escutam-lhe a voz!**

IV

**Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte há de vir!**

VI

**Teu grito de guerra
Retumbe aos ouvidos
D'imigos transidos
Por vil comoção;
E tremam d'ouvi-lo
Pior que o sibilo
Das setas ligeiras,
Pior que o trovão.**

(...)

X

**As armas ensaia,
Penetra na vida:
Pesada ou querida,
Viver é lutar.
Se o duro combate
Os fracos abate,
Aos fortes, aos bravos,
Só pode exaltar.**

- o “índio” como herói

I-Juca Pirama – canto X

(Gonçalves Dias)

Um velho Timbira, coberto de glória,
Guardou a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E à noite, nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Dizia prudente: – “Meninos, eu vi!”

“Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci:
Valente, como era, chorou sem ter pejo;
Parece que o vejo,
Que o tenho nest’hora diante de mi.

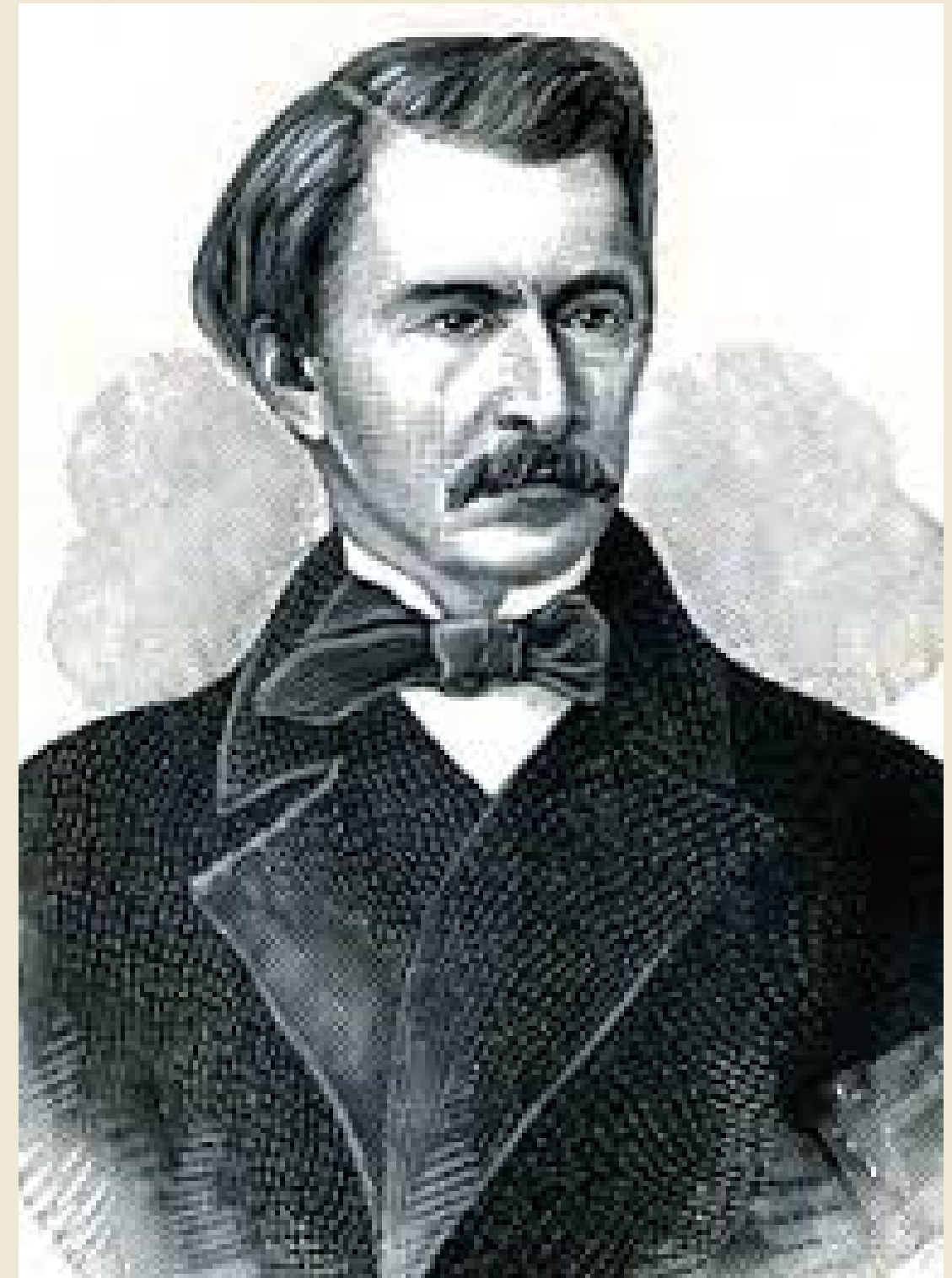
“Eu disse comigo: Que infâmia d’escravo!
Pois não, era um bravo;
Valente e brioso, como ele, não vi!
E à fé que vos digo: parece-me encanto
Que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupi!”

Assim o Timbira, coberto de glória,
Guardava a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi.
E à noite nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Tornava prudente: “Meninos, eu vi!”



Gonçalves de Magalhães

**O iniciador do Romantismo
brasileiro**



Domingos José Gonçalves de Magalhães nasceu no Rio de Janeiro em 1811. Formado em medicina, viaja por vários países da Europa. Por volta de 1830, vai a Paris e começa a escrever na revista Niteroy. Em 1836, publica o livro de poemas Suspiros poéticos e saudades, que marca o início do Romantismo no Brasil.

Sua obra mais trabalhosa, A Confederação dos Tamoios, publicada em 1856, recebeu fortes críticas, principalmente José de Alencar (1829-1877). Quase no fim da vida, em 1876, recebe o título de Visconde de Araguaia. Morreu em Roma (Itália) em 1882. (Enciclopedia do estudante, 2008, p. 79)

O prefácio de Suspiros poéticos e saudades

Para bem se avaliar esta obra, três coisas releva notar: o fim, o gênero, e a forma. O fim deste Livro, ao menos aquele a que nos propusemos, que ignoramos se o atingimos, é o de elevar a Poesia à sublime fonte donde ela emana, como o eflúvio d'água, que da rocha se precipita, e ao seu cume remonta, ou como a reflexão da luz ao corpo luminoso; profanações do vulgo, indicando apenas no Brasil uma nova estrada aos futuros engenhos.

A Poesia, este aroma d'alma, deve de contínuo subir ao Senhor; som acorde da inteligência deve santificar as virtudes, e amaldiçoar os vícios. O poeta, empunhando a lira da Razão, cumpre-lhe vibrar as cordas eternas do Santo, do justo, e do Belo.

(...)

O poeta sem religião, e sem moral, é como o veneno derramado na fonte, onde morrem quantos aí procuram aplacar a sede.

Ora, nossa religião, nossa moral é aquela que nos ensinou o Filho de Deus, aquela que civilizou o mundo moderno, aquela que ilumina a Europa, e a América: e só este bálsamo sagrado devem verter os cânticos dos poetas brasileiros.

MAGALHÃES, Gonçalves de. "Suspiros poéticos e saudades". In: CANDIDO, Antonio e CASTELLO, J. Aderaldo.

Presença da literatura brasileira - Das origens ao Romantismo. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971. p. 263-266.

Gonçalves Dias

(1823 - 1864)

Um indianista apaixonado



Antônio Gonçalves Dias nasceu em 1823, em Caxias, no Maranhão. Filho de um comerciante português, João Manuel Gonçalves Dias, e de Vicência Ferreira, mestiça, Gonçalves Dias dizia que era uma síntese das três etnias que formaram o Brasil: a branca, a indígena e a negra. Em 1840, foi para Coimbra onde cursou a Faculdade de Direito. Em 1845, voltou para o Maranhão e, no ano seguinte, transferiu-se para o Rio de Janeiro, permanecendo até 1854. De 1854 a 1858, morou na Europa, onde participou de uma missão como membro da Secretaria de Negócios Estrangeiros. Em 1862, voltou à Europa para tratamento de saúde, de onde retornou em 1864. O navio em que viajava, porém, naufragou na costa do Maranhão. Gonçalves Dias foi a única vítima desse naufrágio.

Além de suas poesias indianistas, de alto valor nacionalista e patriótico, produziu também poesia lírico-amorosa, religiosa e medievalista. A representação do indígena, na obra de Gonçalves Dias, é feita de forma idealizada. Ele é construído como símbolo que sintetiza a coragem, a nobreza de caráter, a bondade, a compaixão, a solidariedade. Ele é o herói do passado brasileiro, da mesma forma que o cavaleiro medieval representava o herói europeu. (Enciclopedia do estudante, 2008, p. 80)

ENEM 2021



MEIRRELES, V. Moema, Óleo sobre tela, 129 cm x 190 cm. Masp, São Paulo, 1866.
Disponível em: www.masp.art.br. Acesso em: 13 ago. 2012 (adaptado).

Nessa obra, que retrata uma cena de Caramuru, célebre poema épico brasileiro, a filiação à estética romântica manifesta-se na

- A) exaltação do retrato fiel da beleza feminina.
- B) tematização da fragilidade humana diante da morte.
- C) ressignificação de obras do cânone literário nacional.
- D) representação dramática e idealizada do corpo da índia.
- E) oposição entre a condição humana e a natureza primitiva.

BIBLIOGRAFIA:



- **Enciclopédia do estudante, literatura em língua portuguesa: escritores e obra do Brasil, África e Portugal.** Tradução de Maria Célia Fortarel, Ricardo Lisías Aidar Fermino. São Paulo: Moderna, 2008.
- PINHEIRO, Diogo; OLIVEIRA, Lucas Laurentino de; ROCHA, Maria Luiza Mesquita. **Pré-vestibular CECIERJ I - vol 2.** Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2022.
- SOARES, Rosana; SCHLEY, Clara Aniele. **História da arte.** Indaial : Uniasselvi, 2012